

Registros de intolerância

Plantar igrejas virou negócio

ÀKÀRÀ - no fogo da intolerância

CIDA: Aqui é que eu me lembro da minha infância, de enrolar areia molhada nas folha.

CIDA baiana de acarajé

Via a mãe fazer em casa o abará, não deixava pra não desperdiçar, né? Aí a gente ia brincar de fazer abará.

Pronto. Mais um pequenininho para baiana.

Minha bisavó tinha banca. Mas não era de acarajé, era de doce, no Mercado Modelo. Todo mundo conhecia ela, todo mundo chamava de Senhora, Mãe Senhora. Então ela vendia cocada, vendia várias miniatura de quitutes. E eu fiz: “Ah, eu vou conservar a tradição.” Gostei, fiquei.

Tem horas que a vida de baiana não é fácil, não, até a vendagem tem hora que é fraca. Aí chega um conversa, chega outro conversa e a gente vai relaxando e pronto. Tem vez que a gente fala: “Ah, tá parado, tá não-sei-o-quê”, mas as outras pessoas já tá gostando de ver a gente ali naquele espaço. Lá mesmo no Canela, quando eu não vou, várias pessoas falam, “Ah, baiana, aquele ponto tá vazio sem você, cadê aquele brilho que não tá?” Uma maravilha. Aí eu vou passando meus cartões de evento. Tem vez que eu não tô nem no ponto mas tô trabalhando também. E tem vez que eu tô no meu lado religioso também, que não dá pra ir atender a população lá fora.

É bom ser moradora e filha de santo, religiosa. Nasci aqui dentro, sou respeitada, respeito todos os mais velhos, entendeu? E além de ser terreiro, é nossa casa também.

Pra gente, que é mais tímida, é bom essa vida de comunidade, de viver com outras pessoas diferente da gente. Porque a gente vai aprendendo, né? E no fim eles também aprendem com a gente.

Eu gosto. É a convivência. Você vai vivendo, vai ali, conversando com um, pensar que não você já se envolveu toda, já está com 30, 40, 50 anos ali dentro, com as mesmas pessoas, vai envelhecendo porque a gente foi feita pra isso, né?

É tipo você ir pra igreja. Cê tem que ir, rezar, ficar ali concentrada e aqui é a mesma coisa. Só que nossas rezas é diferente, é sempre fazendo. A nossa religião é bom porque a gente tá ali presente, mas tá sempre em movimento. Então tudo tem que parar na cozinha, no salão de festa e no pé dos orixás.

E Iansã é que a gente oferece pra ela nas quarta-feira o akará, que é uma bola de feijão saindo do fogo quente, do dendê, que ela se sente realizada quando faz essa comida pra oferecer pra Xangô, pra Ogum e pra ela mesma.

Algumas horas especiais assim a gente oferece pra Ogum, pra Exu, mas é mais de Oyá.

RITA SANTOS - Presidenta Nacional da ABAM: O acarajé surge com as ganhadeiras. Elas iam pra rua, vendiam qualquer coisa que tinham de vender - frutas, aves, cana -, e de noite traziam o dinheiro pro patrão. E muitas delas ainda saía com o filho do patrão nas costas, porque ela tinha que amamentar e ao mesmo tempo vender aquela mercadoria.

Com o passar do tempo, foram surgindo as escravas alforriadas, aí elas foram trabalhando para elas mesmas. Foi quando começou a surgir o acarajé.

Na época elas vendiam o acarajé não só pra conseguir verba para libertar outros escravos mas também para fazer oferendas nos terreiros. Então, não é de hoje; há mais de 300 anos existem essas mulheres chamadas ganhadeiras, com o tempo trocou o nome: de “ganhadeiras”, passou a ser “baiana de acarajé”.

Prof. Dr. JAIME SODRÉ: Ninguém recebeu herança, ninguém veio da África com o dinheiro no bolso. Tiveram que construir a vida aqui. Aquí, fazendo a sua religião, fazendo o seu trabalho e - o que é mais... fantástico! - acima de tudo, respeitando o orixá e respeitando o destino que o orixá traçava para elas.

Vamos pensar primeiro a humanidade se construiu com uma identidade própria no sentido de condenar o outro. O diabo são os outros, e o meu conjunto, vamos dizer assim, a minha tribo é melhor do que o outro. No nosso caso, foi desfavorável quando o colonizador chegou na África e entender que aquele negro que tinha uma outra cultura, uma outra relação com a própria Natureza, aquele negro que fazia um outro tipo de atuação tecnológica e até mesmo histórico-cultural era inferior. E inferior significava dizer que ele era diabolizado. E a partir daí foi quase que um passo para construir a imagem do Satanás, do Diabo, negro. Porque a expressão era muito corrente: “Negro é o Diabo”. E sendo um elemento desprezível, um elemento nocivo, ele teria que ser corrigido através do trabalho forçado.

Bonitos escravos à venda

E aí foi um passo pra você fazer a seguinte trilogia: negro, diabolizado, qual é a pena? O trabalho escravo.

Sexta-feira, 25 do corrente, na rua do Ouvidor n. 90 LEILÃO DE ESCRAVOS

E aí isso veio de tal forma consolidado, fundamentado pela expressão religiosa católica, que resolveu transformar o Deus num ser branco e conseqüentemente o seu antagonista vem ser o Diabo, que é negro.

PASTOR DJALMA -Líder religioso: A igreja católica está presente aqui no Brasil desde o início do processo da colonização.

A igreja católica teve alguns sacerdotes que combateram a escravidão e outros apoiaram; a igreja católica manteve escravos até quando foi possível manter; a igreja católica chegou a considerar mais cedo que o índio tinha alma do que o negro e o escravo, aqui no Brasil.

Pra mim, o sincretismo é uma habilidade que os negros tiveram de preservar a sua cultura, a sua identidade de maneira que não fosse explicitamente identificada. E nem que pudesse ser perseguidos. Então, eu tô ali mas eu não estou. Na verdade eu estou cultivando o meu orixá, a minha ancestralidade, tô preservando a minha herança religiosa.

MÃE JACIARA - Yalorixá do Abassá de Ogum: O candomblé é uma família que se recria devido à forma que fomos arrancados de África, mas que a gente recebe todo mundo, não tem cor: seja branco, seja verde, seja vermelho, seja homem, criança, seja homossexual, o que seja, você tem liberdade para transitar num espaço de amor e de construção.

E eu acho também que a forma da escravidão, de a gente ter tido que ocultar nossa religiosidade fez com que as informações ficassem erradas. Falar que a gente cultua o Diabo é mentira! O candomblé não tem Diabo, nós temos Exu. Exu é um orixá como outro qualquer, só que ele é mais humano. Ele é que fica dando a resposta de Ayê pra Orum e de Orum pra Ayê, ele que tá no natural e no sobrenatural. Então, assim, eu acho que as pessoas é que incute na humanidade uma fala errada, uma história errada. Nós cultuamos a força da Natureza.

Antigamente, só vendia àkàrà as filhas de Iansã. Você se iniciava no candomblé, e você depois que fazia o santo, se tornava filha de santo, você teria que vender àkàrà pra poder trazer o âmbito financeiro para o terreiro pra ajudar a casa. Então, vender acarajé não é isso agora. Na Praia de Itapuã já tem homens que fritam o acarajé e vende numa bandejinha. Ele não é nem baiana. Porque o ofício de vender acarajé, além de ser um ofício religioso, está extremamente ligado à mulher: quem vende àkàrà é mulher.

LIU baiana de acarajé

Eu aprendi a fazer acarajé com meu irmão. Meu irmão trabalhou com uma baiana, aprendeu, aí ele foi botar o tabuleiro mas a Associação, que era do culto afro, antigamente o presidente de lá disse que ele não cadastrava homem. E ele falou pra mim que onde visse homem sentado no tabuleiro que ele tirava.

Eu que sentava no tabuleiro pra ele, pra vender. Sentado lá, batendo a massa, fazendo o acarajé e eu ali aprendendo, e eu gostava, né? Eu gostava.

Eu sempre gostei de me vestir de baiana. Ele me vestia, ele tinha um cuidado, me vestia, ele amarrava meu torso, comprava maquiagem pra mim quando eu nem tinha interesse de usar. E quando a gente ia pra Feira de Santana, as micareta, por aí, São Sebastião, o povo passava, porque antigamente eu era a baiana mais nova na praça, em todo canto aí o pessoal de cima do trio ficava tirando foto, achando uma maravilha, porque ele caprichava no meu visual.

Ele era pai de santo. Eu, sinceramente, nunca entrou na minha cabeça, não. Eu na hora que ele recebia lá as entidades dele eu também nunca briguei, nunca desfiz, porque é a fé dele, né, a gente tem que respeitar. Eu saía, quando chegava as pessoas lá procurando ele, eu saía. Sempre falava a ele: “Mirá, por que você não...” Dava cada dura nele, ói: “Você vai na sua fé que eu vou na minha. Não me meto na sua história, então...” Eu, sinceramente, nunca entrou na minha cabeça, nunca quis, entendeu? Mas nunca, nunca, nunca, nunca impedi, nunca persegui, nunca falei que ele tava errado.

Esse trabalho aqui foi o que sustentou minha família. Eu não tive marido, não tive ninguém pra me ajudar, eu tive ajuda daquele de lá de cima. Foi ele que me deu a sabedoria, cê acha que na minha fé, que eu tenho, Deus ia colocar uma coisinha errada pra sustentar os meus filhos? Não. Isso aqui é bênção, isso aqui foi ele que me deu.

Foi através do acarajé que eu comprei uma casinha. Que eu sustento a minha família. Até hoje eu não tenho marido. Meus filhos estão aí todos criados. Graças a Deus ninguém foi pelo lado errado não. Porque foi esse aqui que me manteve em pé, firme e forte, sem pedir nada a ninguém e sem depender de ninguém.

Para os evangélicos, o acarajé, todos estes quitutes aqui, tudo vem da terra, foi tudo que Deus criou, o feijão, tudo foi que Deus criou. Para a gente usufruir, para a gente se alimentar, tudo aqui é abençoado.

VILMA REIS - Socióloga: Nós entendemos perfeitamente a disputa de narrativa sobre quem não entende de nós e quer dar uma interpretação sobre nós, interferindo diretamente dentro da nossa comunidade. VILMA REIS Tem a batalha no campo jurídico, onde muitas vezes nós nos confrontamos também com parte de um Judiciário que não entende absolutamente por que que nós lutamos. Não é por um monopólio econômico de vender acarajé, é porque nós sabemos que as filhas iniciadas de Iansã nesta cidade e nesse país, elas - UM DEFEITO DE COR nos conta Ana Maria Gonçalves em “Um defeito de cor”, nos conta Fábio Lima no seu livro CONTO DO DIA 4 DE DEZEMBRO sobre Iansã e o 4 de dezembro, nos conta uma série de autores e autoras, COMIDA DE SANTO QUE SE COME como Wilson Caetano -, que nós botamos o tabuleiro na cabeça desde o século XVIII, XIX, não apenas para garantir a liberdade mas porque era função religiosa das filhas de Oyá ir para a rua e cumprir suas obrigações litúrgicas. De faca em punho, as mulheres cortam roletes de cana, pedaços de coco, outras fazem aluã, uma garapa de cascas de abacaxi em fuzão ou de gengibre com rapadura Então onde foi que o Estado brasileiro se perdeu? Onde foi que o Estado brasileiro interrompeu Feijão fradinho, abará, acarajé, galinha de xinxin, acaçá, banana da terra em azeite de dendê com camarão,

pipocas um contato com uma literatura CANDOMBLÉS DA BAHIA já produzida na Bahia desde o século XIX e precisamente a partir dos anos 30, com Edison Carneiro? Esses são os antropólogos que ao longo de um século nessa Bahia, sistematizou o conhecimento sobre esse alimento e outros alimentos sagrados e a sua transição para o mundo público mas sem quebrar as regras e as relações históricas, seculares, com o que significa pra nós comer àkàrà. Não é somente partir um bolinho de feijão frito no azeite; isso para nós vai muito além.

RITA SANTOS: Pra gente, do terreiro, o acarajé é como se fosse a hóstia da igreja católica, a Santa Ceia dos evangélicos. Porque é sagrado, é uma oferenda para um orixá, e um orixá lindo, que é Iansã. Então, toda vez que a gente vai fazer uma oferenda para Iansã, a primeira coisa tá lá o acarajé. Então, ele é importante, ele é sagrado pra nós.

Nós começamos a fazer um trabalho em 2002 com o pessoal do Centro de Referência lá no Rio de Janeiro, né, e com Raul Lodi e esse título veio pra nós em 2005, apesar que eu fico um pouco com o pé atrás porque a gente esperava outra coisa. Nós achávamos que nós teríamos segurança, 25 NOVEMBRO Ofício das Baianas de Acarajé Patrimônio Cultural do Brasil Luiz Fernando de Almeida Presidente do IPHAN Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional que o governo federal, que o IPHAN teriam o maior cuidado com as baianas, com esse ofício, e na realidade não foi isso que aconteceu. A gente pede socorro e eles não estão prontos pra nos socorrer porque não sabem como fazer. Então, em parte, foi um pouco decepcionante.

O patrimônio é o conjunto. A baiana sozinha não é Patrimônio, o acarajé sozinho não é Patrimônio; isso, pelo IPHAN. É o conjunto, é o ofício dela. Então, pra ser Patrimônio o conjunto tem que tá todo harmonioso. A baiana tem que tá totalmente trajada, tem que tá com o tabuleiro de acordo, ali o conjunto é o Patrimônio.

CIDA ABREU - - Militante do Movimento Social Negro Brasileiro: A gente não pode sectarizar e dizer que a pessoa evangélica não pode fazer acarajé; pode fazer. Mas com reverências que o acarajé precisa ter. Não pelo alimento, mas pelo simbólico, pelo que ele representa no seu simbólico. Então, se as baianas evangélicas, que inclusive querem trocar de “acarajé” pra “bolinho de Jesus”, elas, simplesmente, eu acho que elas perdem o direito de serem baianas do acarajé. Eu acho que precisa conceituar o que é o acarajé do seu ponto de vista simbólico e representativo pelas verdadeiras baianas, que inclusive lutaram, e aí anteriormente a gente pode visitar a história e entender que todas as mulheres que vendiam acarajé eram filhas de Iansã. E geralmente uma ialorixá é que dizia que ela era pra ela ir pra aquele ponto pra vender acarajé naquele lugar pra sustentar sua família. Para ter sua independência. Acho que isso são coisas que a gente precisa também recuperar para poder fazer a defesa. Eu acho que tem que criminalizar. Criminalizar por dano ao Patrimônio. Acho. Porque comer, fazer e vender, tudo bem - agora, respeitar, por favor.

RITA SANTOS: O IPHAN nos convidou pra ir até Brasília pra falar que tá havendo muita descaracterização na cidade. Muitas baianas não tá se vestindo, e a partir do momento que elas deixam de se vestir, ela tá cortando um elo do ofício. Baianas de acarajé devem ser regularizadas para trabalhar na orla Então, nós tamos fazendo o quê? Chegamos junto à Prefeitura do Município e pedimos LEI MUNICIPAL N. 12175 “As baianas de acarajé, no exercício de suas atividades em logradouro público, utilizarão vestimenta típica de acordo com a tradição da cultura afro-brasileira” que eles cumpram o decreto municipal, que é o 12.175, que diz: “Baiana em logradouro público Estamos buscando preservar o ofício da baiana, que é um ícone cultural. A baiana é um conjunto de itens. Não se trata apenas da fritura de um quitute. Existe um conjunto de características que a identifica: as roupas, os acessórios do tabuleiro, a fabricação - Rosemma Maluf secretaria municipal da Ordem Pública ela tem que tá de bata, de saia e de torso.”

Em algumas cidades está havendo umas mudanças na receita, a gente não sabe ainda como fazer, mas tem lugares aqui dentro do estado da Bahia que tão botando repolho no acarajé, tão botando maionese... Podem até vender, mas não chamando de “acarajé”, porque as pessoas comem pelo nome.

MERCEARIA DEUS É FIEL

DADAI: DADAI baiana de acarajé O segredo é o amor. Qualquer coisa que você faz sem amor, não presta. Aqui vem de família. Fui criada no acarajé, minha filha, ajudando minha mãe. E aí pronto, aprendi... não ficar parada, né? Oito ano eu já ajudava minha mãe. Ajudava, já ia pra feira junto com ela comprar as coisa. E ajudava a cortar as coisa, cortar quiabo, cortar cebola, gengibre, torrar amendoins, catar camarão. Ajudava. Doze anos eu já tava no ponto mais ela, despachando o acarajé. Teve um tempo que ela parou, eu com 18 anos fiquei vendendo na Estação Pirajá, Pagava a caixa dela certinho, eu entrava de caixa, ia vender, pagava uma caixa, trazia o resto do dinheiro dela, certinho, dava conta, prestava conta a ela. Dezoito anos. Não me arrependo não, porque eu gosto, eu faço com amor. Eu gosto da minha profissão. Eu faço com amor e não me arrependo, não. Tenho prazer. O povo fala muito aí da minha acarajé, o povo gosta. O segredo, o meu segredo da minha acarajé ser gostoso é que quando eu estou fazendo, eu estou fazendo e conversando com Jesus, sabe? “Jesus, derrama aqui uma gota do teu sangue, cada vida que comer, Jesus, que o Senhor venha libertar, que o Senhor venha restaurar, se for drogado, que o Senhor venha libertar, se for prostituta, que o Senhor jogue por terra o espírito da prostituição, e aí eu vou pedindo ao Senhor, né? E outro dia chegou uma moça lá dizendo: “Baiana, quando eu não era crente eu dizia: ‘Jesus, essa acarajé vai acabar me convertendo.’”. E hoje ela se encontra na presença de Deus, para a glória do nome do Senhor Jesus. E há de ser assim, não só na vida dela como na vida das outras pessoa que come. É lésbica, homossexual, prostituta, cada um Jesus há de fazer uma obra.

MERCEARIA DEUS É FIEL

A minha vida antigamente era uma luta. Antigamente, quando eu não conhecia Jesus, eu bebia, drogava, me prostituía, mas hoje para a glória de Deus, Deus jogou tudo isso por terra e me fez uma nova criatura. Não era casada, andava pegando um e outro, mas hoje Jesus botou uma aliança no meu dedo para a glória de Deus, e hoje eu me encontro aqui.

Outrora, quando eu vendia na Estação Pirajá, a guerra era pior. A guerra era pior, porque mãinha era da macumba, a outra baiana era da macumba, quando mãinha não ia ela metia-lhe a macumba lá em mim, o bujão pegava fogo e era aquela luta, aquela perturbação, sabe? E aí era aquela luta mesmo, mas graças a Deus hoje eu tenho Jesus e dá tudo certo. Ainda que venha uns olho grosso, na hora de eu subir eu digo: “Jesus, toma a direção desse tabuleiro, toma o controle, passa a tua vassoura de fogo ali naquele ponto, repreende, Jesus, todo o Mal, desfaz toda obra de macumba, e quando eu chego lá, minha fia, é só alegria. Sabe? É só alegria quando eu chego lá, mas antes era uma luta, minha filha.

Então eu desisti por isso, lá da Estação Pirajá. Parei, que eu não aguentei. Eu não era crente, não conhecia ainda a Palavra de Deus, e aí também não era macumbeira, também não jogava o mesmo jogo dela. Quando mãinha ia, ela pegava embaixo. Mas quando eu ia, ela sempre jogava macumba, fez o bujão pegar fogo, só se via o povo correndo da fila de Bonfim, o povo da fila de Fazenda Grande R1 correndo, eta, baixe aqui o fogo, apaga o fogo! Era uma agonia mas graças a Deus, né? Graças a Deus.

VILMA REIS: Em toda sociedade você tem diversidade religiosa, em toda sociedade você tem diversidade sexual e em toda sociedade você tem a interdição de algum tipo de alimento. Então, ao mesmo tempo que você pode comer para alimentar, você pode comer para curar, você pode também não comer para curar e para alimentar. Esse é o desenho de toda a experiência humana. Querer negar esses pilares do que faz essa experiência humana é você criar um modelo de sociedade que a própria sociedade não se reconhece. E esse é o tipo de disputa que está nesse campo que nós identificamos e que tratamos institucionalmente, O Caso Mãe Gilda que originou a lei brasileira contra a intolerância religiosa enfrentando desde 2001 no Brasil, quando, ‘Você não pode odiar o que não conhece’, alerta filha de ialorixá Mãe Gilda por uma sanha perversa de um segmento desses neopentecostais, eles levaram à morte Mãe Gilda Mãe Gilda Vive, apesar da intolerância, racismo e violência, Mãe Gilda Resiste! #ActuandoUnidas Ela morreu por conta da intolerância religiosa seu busto fincado o espaço mágico que é a Lagoa do Abaeté onde mora Oxum, é a representação de muitas lutas.” - Mãe Jaciara dos Santos do Abassá de Ogum, lá em Itapuã. Uma mulher de 69 anos, religiosa, uma mulher com toda uma relação com o sagrado da forma como ela acreditava, uma ialorixá, que teve a sua imagem colocada Macumbeiros charlatões lesam o bolso e a vida de clientes como charlatã num jornal de uma dessas igrejas neopentecostais.

Pra nós, aquilo ali precisava de um tipo de reação política à altura da violência que foi praticada e foi dali que nós resolvemos que 21 de janeiro, na Bahia e no Brasil PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA CASA CIVIL SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS Lei 11.653 de 27 de dezembro

de 2007 Institui o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa O Presidente da República Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei: Art 1º Fica instituído o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa a ser comemorado anualmente em todo o território nacional no dia 21 de janeiro Art 2º A data fica incluída no Calendário Cívico da União para efeitos de comemoração oficial. Art 3º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação precisava ser Dia Nacional de Enfrentamento à Intolerância Religiosa.

MÃE JACIARA: Pra mim é muito doloroso porque eu falo da minha mãe, né, da mulher que me gerou. Mas entendo que é um marco histórico poder falar sobre isso dessa forma. Na verdade, Mãe Gilda participou de um evento em 1992, e depois de sete anos, em 1999, mais ou menos, a Igreja Universal do Reino de Deus, uma gráfica em São Paulo pegou essa mesma imagem da foto que saiu na revista VEJA e fez uma matéria com a imagem de Mãe Gilda, com a foto dela - essa montagem, né? -, com a tarja preta no rosto, escrito "Macumbeiros charlatões lesam o bolso e a vida de clientes". Então, Mãe Gilda não tinha nenhuma preparação de como agir contra essa forma perversa que esse neopentecostal usou com a imagem dela. Além da imagem da minha mãe ter sido maculada pela Igreja Universal do Reino de Deus, tem uma igreja aqui, Assembleia de Deus, um casal invadiram aqui antes da morte da minha mãe, três dias antes de ela morrer, e bateram com a Bíblia na cabeça dela, né? Vieram exorcizar minha mãe aqui nesse espaço.

Mãe Gilda teve um infarto fulminante no dia 21 de janeiro de 2000, e assim, pra mim como filha biológica foi muito difícil porque a gente não tinha uma preparação de que acionar nesse momento. Na verdade nós atualmente não temos nenhuma delegacia, nenhum espaço que esteja preparado para receber casos de intolerância religiosa. Quando a gente sofre uma intolerância religiosa, esse racismo, a gente procura a delegacia e a delegacia acha que é briga de vizinho. Não quer nem rotular e nem atuar enquanto racismo, né?

Após vandalismo, Busto de Mãe Gilda é restaurado em Salvador

Quando eu entrei com a ação, que eu fiquei dona do espólio da minha mãe, o terreiro foi invadido duas vezes, Busto de Mãe Gilda é reinaugurado após ser alvo de vandalismo
Reinauguração reuniu lideranças de movimentos sociais, nesta segunda. Entrega da reforma integrou ações do Novembro Negro na capital baiana. eu fui ameaçada de morte várias vezes por telefone, bateram no meu carro... Grupos afro visitam busto de Mãe Gilda contra intolerância religiosa Eu parei a minha vida enquanto mulher, enquanto ialorixá, pra assumir dois momentos da casa: o momento de tomar conta do terreiro, que tava na fase de luto, assumir isso aí, e mais a parte toda política da casa, né. Como é que você, mexida emocionalmente, lutar contra uma intolerância religiosa que você sentiu na pele, né?

Jovem relata ter sido agredida por ser do candomblé: Qual demônio você serve?

WALMIR FRANÇA - Militante do Movimento Negro: Há um enfrentamento estratégico dessas igrejas Estudante agredida por intolerância religiosa dentro de escola não quer voltar ao colégio pra que fragilize os terreiros e as pessoas que estão nele. Terreiros de Candomblé são incendiados em Goiás 'Encontrei uma Bíblia' Os últimos casos que estamos vindo é justamente de pessoas que estão lá há mais de 50 anos, mais de 30 anos, e que de repente vê uma igreja evangélica do seu lado ou então em frente, né, e fazendo todo tipo de empenho para desestabilizar emocionalmente as pessoas que participam do credo e também partir para uma ação eu diria mais ofensiva, né? Jogando sal, jogando pedra.

Guerra santa: com casos recorrentes de ataques a terreiros, o Brasil experimenta o terror da intolerância religiosa Apesar da garantia do livre exercício da fé assegurada na Constituição, crescem as agressões a religiões de matriz africana

ANNE RODRIGUES - Socióloga: A intolerância ela cresce junto com a desigualdade, ela cresce junto com as crises financeiras, com as crises políticas, Mãe de santo acusa pastor de agressão e intolerância religiosa em Vitória da Conquista e aí o que é que acontece? Essa intolerância apesar de colocar os sujeitos, as pessoas, as mulheres Mais um terreiro de candomblé é invadido e depredado na Baixada Fluminense e os homens, em dois lados opostos, na verdade o ataque só vem de um lado. Então, do ponto de vista histórico a gente vê que o que se avança, avança na liberdade, no direito, do reconhecimento da baiana de acarajé como Patrimônio Imaterial, você avança do ponto de vista de você ter o direito de ter o culto, mas você demoniza, e essa pessoa ela não vai ser julgada, Religiosos pedem a criação de delegacia para crimes com motivação religiosa e enquanto isso não for tratado como crime e não for inserido dentro do processo estrutural que ele está, Ato na Pedra de Xangô marca Dia de Combate à Intolerância Religiosa dentro do racismo, dentro da perseguição, Registros de intolerância triplicaram em SP na última campanha eleitoral a gente sempre vai ficar combatendo um e aparecendo dois, combatendo um e aparecendo dois. Eu acredito que MPF denuncia pastor por quebrar santos de religiões afro-brasileiras as coisas precisam ser tratadas em outro espaço, no espaço da lei.

MÃE JACIARA: A gente tem vivido momentos muito difíceis na "Minha Casa, Minha Vida", quando desloca uma comunidade pra essas casas - tem 5 mil casas -, é muito difícil plantar um terreiro de candomblé dentro do "Minha Casa, Minha Vida". Porque pra ter um terreiro de candomblé você tem que jogar búzio, a ialorixá, o orixá tem que ver que é ali, mas a igreja, IGREJA MOCOTÓ COM JILÓ MANÁ DO CÉU qualquer lugar que chega, abriu uma porta, é uma igreja. Então as pessoas ficam na comunidade vulnerável, desempregado, sem a sua religião para cultuar e tem 500 igrejas, ele vai fazer o quê? Você termina, a água tá sugando você, você vai nadar contra? Você termina caindo. Então a gente tem perdido muito povo de candomblé nestes espaços. Eu visitei o presídio também, 180 mulheres presas, aonde a gente de candomblé não pode ir lá. As evangélicas entram para evangelizar, aí rouba todo o nosso povo

de candomblé, então é um racismo que ele tá em todo lugar. Ele não tá só na rua quando eu caminho de ialorixá, ele é estruturante. E acaba com o nosso povo. E tem matado nosso povo.

CIDA: Aqui sempre passa uns mostrando, falando a palavra de Cristo, né? Querendo converter a gente mas eu nem pego o panfleto que eles dão, eu falo: “Não, eu já tenho minha religião.” E tem uns que pergunta se eu despacho, “Você faz despacho aqui, é?” Eu falei, “Não, eu só jogo pra abrir meus caminhos, os acarajés.”

Nem sei se todas as baianas fazem mais esse ritual. Eu faço três, entendeu? É três, ou é sete, o importante é que lembre deles, né? É Exu e Ogum.

Que a gente tenha uma boa venda, né, um bom dia, então a gente oferecendo e pedindo, os clientes chegam até a gente. E conseguimos vender tudo.

Ô meus pombo aí. Mensageiros. Pombo correio, ele.

O povo da rua pensa que tem algum preparo, que eu não sei qual é esse preparo que eles fazem, “Tem algum preparo?” “Foi feito em casa, normal.” Acho que eles pensam que vai ter algum sacrifício em cima, não sei, eu nem pergunto, na verdade, eu falo: “É sim, é sim, é não, é não, e pronto.” Se quiser comer, tem axé; se não quiser, muito obrigado e tchau. Outros compram.

E quando vieram perguntar a mim: “O que você acha do bolinho de Jesus?”, eu falei: “Que bom que Jesus tem bolinho, que é o mesmo acarajé de Iansã, eles são irmãos, então, que é quem come acarajé, que eu saiba era Iansã, Ogum, os orixás que comem acarajé. Se Jesus tá comendo, que bom, que ele agora é irmão de Iansã. Que a gente entrega pra nossos irmão, né? Para compartilhar. Aí eles deram risada.

Não vai demorar, não, é rapidinho.

Por que não faz outro bolinho sem ser o acarajé pra Jesus? Inventa outra massa. Né?

E se tem algum dono, é Iansã. Que é feito no candomblé pra Oyá.

Quem vende acarajé tem que ser da religião. E se não for, então tem que se caracterizar do jeito que é. É na Bahia, é acarajé, se veste de baiana.

Não segue o ritual, a norma, vende por vender, faz por fazer, não tem nenhuma ciência do que é o acarajé, né? Porque dá dinheiro, todo dia pega um dinheiro, acha que tem que fazer. Não é assim.

Tô vendo até dizer que vai melhorar, né, todo mundo que vende acarajé tem que se caracterizar como baiana. Mas perder o título, não perde, não. Já viu rei perder a coroa? Perde, não.

RITA SANTOS: Não importa a religião dela. Ela for vender acarajé na rua, ela vai ter que tá de bata, de saia, de torso, de fio de conta no pescoço. Então essa é uma das maneiras que nós tamos achando para inviabilizar essa descaracterização. A outra é um pouco mais longa, nós

estamos decidindo em Brasília, no Conselho de Cultura, que nós queremos fazer como foi feito a champanhe na França: só poder chamar de “champanhe” aquele vinho feito em determinado local.

Se a gente perde esse título, primeiro, pra nós foi importante porque são as mulheres, são as primeiras a receber esse título, e sem vem a perder, eu acredito que em pouco tempo, dois, três anos, não vai existir mais esse ofício.

JAIME SODRE: A figura da baiana é uma figura importante porque ela marca inclusive a própria Bahia. Alguém que vem na condição de turista, ele quer ver a baiana. E é preciso lembrar que a baiana não é só aquela que vende o acarajé, é aquela que impõe uma cultura estética através da sua indumentária, que impõe uma cultura de atendimento através da sua linguagem com aquele que chega perto do tabuleiro, que impõe uma cultura de criar sua família com aquele sustento e que impõe uma cultura muito mais importante, que são mulheres guerreiras e que merecem respeito e se respeitam. Então, nós não comemos só o acarajé pra degustar, nós comemos uma cultura, um complexo de elementos que vai desde o gesto de chegar até a baiana, cumprimentá-la, ela cumprimentar a gente, servir o acarajé até a gente, e - o que é mais importante - a partir daí criar um link chamado “freguesia”.

Cada um de nós tem a nossa baiana de preferência, e inclusive em algumas circunstâncias, se você não tiver o dinheiro, você pode até comprar pra pagar depois. Mas deixar de comer, nunca! Porque aquilo ali é pra ser oferecido em função de uma divindade que diz que a fome não é um benefício pra humanidade.

RITA SANTOS: O turista quando ele chega aqui, ele quer ver uma baiana, porque é isso também o que o nosso governo, o nosso estado vende lá fora. Passa vários programas fora mostrando a baiana de acarajé. Não só a baiana de acarajé que vende o acarajé mas a baiana que faz o receptivo. Elas tão no aeroporto, qualquer evento que tem, tá lá a baiana entregando a fitinha, então são as baianas que faz o receptivo. Então, às vezes tem festa em São Paulo que eles pedem baiana daqui pra ir pra lá. O governo no Rio de Janeiro, a prefeitura do Rio de Janeiro faz grandes eventos, a baiana tá lá representando, então ela não tá hoje só representando a Bahia, representa o Brasil. IPHAN lança campanha de valorização das baianas de acarajé em Salvador ‘Ofício de baiana do acarajé’ virou patrimônio cultural do Brasil em 2005 São muitas mulheres, principalmente mulheres negras, mulheres às vezes semianalfabetas que não têm um marido pra ajudar em casa, e ela sobrevive do que ela vende. Dali era tira o sustento da família toda. Muitas vezes dela, ela já criou os filhos com o tabuleiro, hoje vem criando os netos.

VILMA REIS: Você tem mulheres que num bairro ela é a principal fonte de mover toda a economia.

"Cuíca, meu bem! Cheguei!"

Além dela empregar mulheres e homens, que às vezes cê tem quem vai comprar, você tem quem vai moer o feijão, você tem quem arruma as vendas, você tem toda uma cadeia que ela compra: ela compra o camarão, ela compra o feijão, ela compra a folha de bananeira, ela compra a cebola, ela compra o azeite de dendê, enfim, ela move toda uma cadeia econômica. Eu estou falando "ela" e eu estou falando de milhares. Milhares de mulheres espalhadas em toda Salvador, espalhadas em todo o Recôncavo, em toda a região metropolitana e você se estende isso porque para firmar-se Bahia como Bahia, esse signo de representação também passa a se espalhar pelo conjunto do estado.

" Esse é cinco e esse é oito"

" Não, me dê esse de seis"

JAIME SODRÉ: É uma instituição que se fosse qualquer outro país seria homenageada como a primeira empreendedora pública do Brasil. E de que forma isso? Aquela que não veio com dinheiro nenhum, que conseguiu abrir o seu negócio e fazer da religião, que deu pra ela essa virtude, ganhar o dinheiro.

LIU: Tem muitas pessoas que têm formação, que estudou, mas não acha emprego. Então o povo viu no acarajé um meio de sustentar a família. O baiano sabendo fazer um bom quitute, né, cê vê quem tem lugares aí que faz fila, tem outros que não. Vai depender do tempero de cada um.

Um trabalho que exige da gente é esse aqui. É lavar feijão, é gastar água, é ir na feira, é voltar da feira acabada, cansada, aí a gente vai, toma um banho, não respira. Tem baiana mesmo que não senta nem pra comer. Hoje, eu tenho a ajuda da minha irmã, tenho minha nora, mas antigamente eu não tinha, eu tinha que ralar sozinha, meus filhos eram pequeno, eu tinha que ir na feira, o maiorzinho eu arrastava pra carregar uma sacola ou outra, o dinheiro que eu ganhava era aquele dinheiro pouquinho, eu não tinha condições de pagar o menino do carrinho, eu me virava sozinha. Aí trabalhava de festa em festa, e quando eu ia pro Pelourinho tinha que chegar meia-noite, depois que os fiscais ia embora.

Antigamente, Pelourinho seis horas da manhã o policial tinha que mandar fechar o estabelecimento para poder o pessoal ir embora porque se não era festa 24 horas no

Pelourinho. Eu tinha que chegar de madrugada pra conseguir trabalhar. Mas antes, minha filha, eu fui tão perseguida! uma vez o fiscal levou meu tabuleiro, meu azeite virou, quase que queima meu filho todo. Aí, eu ainda achava que esse tempo era bom, que ele só pegava tudo e jogava no carro, mas no tempo da minha mãe os ambulante apanhava. Mãinha perdeu foi um filho de um empurrão, ela tava grávida de gêmeos e ela foi defender o material dela e o fiscal deu um empurrão que ela caiu lá e ela perdeu o filho.

Esse negócio de a pessoa querer ser superior, né, “Ah, porque o Candomblé é maior. Ah porque o evangélico é maior”. Não, ninguém. O maior é Deus. O maior é Deus, entendeu? O maior é Deus e nós temos que respeitar isso, não tem esse negócio de dizer “Fulano é maior, Sicrano é maior”, ninguém é maior do que ninguém. Todos nós somos iguais, somos irmãos, independente da escolha: você escolheu ir pra lá, eu escolhi vir pra cá. Nós somos irmãos. E pronto. Parar com essa guerra, eu chamo isso de guerra, porque, sinceramente, onde é que isso vai parar?

Prof. Dr. HÉLIO SANTOS: O aspecto é duplo: primeiro, há o chamado racismo; nada mais vil do que eu atacar sua religião. Essa é a forma mais dura de te atingir. Então, é racismo. São religiões que foram trazidas pelas pessoas escravizadas. Segundo, um lance de marketing: de marketing religioso sofisticado - a minha área é administração - que a área de marketing tem que analisar. Eu invento o outro, FÉ: “Minha mãe me dava banho para eu espantar os demônios”, diz candomblecista filha de evangélicos eu invento adversários, e com isso eu propulso ganhos para aquilo que eu quero fazer.

Em crescimento, bancada evangélica terá 91 parlamentares no Congresso

Tem uma máxima de Jesus que é um caso que pode ser estudado Por dentro de um culto evangélico realizado no Congresso sempre, que é: “A César o que é de César, a Deus o que é de Deus.” Isso é perfeito, quer dizer: “O Estado é uma necessidade, mas a questão religiosa é outra. Mas essa máxima cristã não é obedecida para as pessoas que no Brasil trabalham com a matriz evangélica. Pelo contrário, a religião é para ter poder - poder material e político. E são pessoas que têm um objetivo muito material, muito preciso. Crivella é só o começo: o projeto de poder de Edir Macedo A eleição no Rio dá sentido ao plano do bispo da Universal do Reino de Deus de colocar os evangélicos na linha de frente dos destinos do país Agora, em defesa dessas pessoas: elas nunca esconderam esta intenção. Tá bem evidente, pensando na política, em políticos eleitos, nos meios de comunicação. Essas pessoas nunca esconderam o que elas querem, tá bem patente e visível o desencontro delas Bolsonaro recebe unção de Edir Macedo; bispo diz que presidente ‘vai arrebentar’ com aquilo que seria a verdadeira filosofia cristã. E tudo isso resiste ao tempo. São Paulo agora tem o dia oficial de orar pelos políticos

PASTOR DJALMA: O melhor negócio no Brasil hoje A “bancada evangélica” e o festival de concessões de emissoras de rádio e TV - e não só no Brasil, fora do Brasil também -, é a criação de igreja. Revista americana ‘Forbes’ revela a fortuna dos pastores brasileiros A fortuna de um Edir Macedo é incalculável, ele é hoje um dos homens mais ricos do Brasil. Com a fortuna de 2 bilhões, Edir Macedo é o pastor evangélico mais rico do Brasil, diz revista Como é que você é

um líder religioso - e a religião, em essência, deve trabalhar em função do bem-estar do ser humano, de ajudar o ser humano na conquista de sua dignidade, ajudar na manifestação religiosa, e eu acho que o ser humano é um ser religioso, né? - em lugar disso, essas pessoas se locupletam, se enriquecem, são donos de igrejas.

Pastores denunciam teologia da prosperidade na África: 'Plantar igrejas virou negócio'

E o interessante disso tudo é que há uma fundamentação. Como os programas evangélicos ganharam as rádios e TVs do Brasil. Os meios de comunicação deram palanque para pastores que pregam a teologia da prosperidade teológica por trás dessas igrejas, que é a chamada "teologia da prosperidade". Qual é o grande discurso? Revista aprovada pelo Vaticano critica 'teologia da prosperidade'. O grande discurso é esse: "Se você aceita Jesus Cristo, Jesus Cristo vai lhe abençoar e você vai ser uma pessoa próspera." Vídeo mostra pastor Marco Feliciano pedindo senha do cartão de fiel. O discurso para angariar dinheiro começa com um valor alto: Para pagar TV, pastor exige que fiéis doem R\$15 milhões. Ele quer que 50 mil fiéis de sua igreja se mobilizem e se voluntariem a doar R\$300,00, cada um, para a igreja mil reais, por exemplo; vai baixando pra 500, para 200, para 100, para 50, para 20, para 10, para 5, e eu sei de casos em que as pessoas dão o vale-transporte. E alguns dizem assim: "Eu só tenho o vale-transporte", então você vai dar o vale-transporte e você vai voltar a pé. A sua caminhada da igreja pra casa vai ser a prova de sua fé.

'Pega esse carro, essa porcaria, essa lata de R\$50 mil, R\$100 mil, R\$600 mil e doa. No fim da reunião, tem o pastor Antônio que vai te dar o termo para você transferir. Hoje, você vai embora de táxi, vai de ônibus, vai a pé. Segunda-feira, você vai pegar o valor desse carro e colocar no altar de bronze. Depois, você vai ter dinheiro para comprar à vista', afirmou.

Se você chegar à conclusão que os fins justificam os meios, Programas evangélicos evitaram falência das emissoras de TV em 2017 tudo bem. Mas se você considerar que o discurso religioso deve ser um discurso ético, então isso não vale. Entendeu? Eu ajudo a pessoa porque é um ser humano e eu como sacerdote tenho o dever de ajudar essa pessoa, mas não porque eu vou querer explorá-la financeiramente e exercer uma influência psicológica sobre ela.

Edir Macedo pede que Deus 'remova' quem se opõe a Bolsonaro. Bispo acusou políticos de tentarem "impedir o presidente de fazer um excelente governo" e disse que Marcelo Crivella enfrenta "impeachment do inferno"

Religião e racismo: novas cenas de uma antiga história

VILMA REIS: Quem está articulando essa ação País registra cada vez mais agressões e quebras de terreiros A cada 15 horas, uma queixa de discriminação por motivo religioso é registrada no Brasil, a maioria contra credos afro-brasileiros articulada e violenta contra as religiões de matriz africana, quem coordena isso, quem se beneficia disso, 13 de maio é marcado por invasão e depredação de terreiro de candomblé, em Maceió, AL quem cria canais de televisão para isso não são essas mulheres negras como nós, Destruidores de terreiros no Rio se dizem “bandidos de Jesus” muitas vezes, que estão na rua e se auto negando. Pra gente é importante, portanto, pontuar essa questão porque nós precisamos fazer essa disputa de narrativa com quem está coordenando e se beneficiando, enchendo os bolsos de dinheiro com proselitismo religioso e prática violenta de racismo e violação dos nossos direitos humanos, nossos direitos fundamentais, que são esses líderes Edir Macedo 19 bilhões Valdemiro Santiago 440 milhões Silas malafaia 300 milhões Estevam Hernandes 130 milhões R.R Soares 250 milhões que não se respeitam enquanto líderes mas que em verdade toda a sua construção enquanto líder se dá do ponto de vista da intolerância, do fascismo, da misoginia e do racismo. É importante a gente pontuar isso porque não pode ser uma luta entre nós, negras, não pode ser uma luta entre nós, negros, não pode ser uma luta entre os oprimidos, entre os que estão na margem.

JAIME SODRÉ: A nossa intolerância aqui é feita na base racial; é não gostar do negro, não gostar da religião do negro, e o que é mais grave: diabolizar esse segmento. Este lado, que é o lado da diabolização, do desrespeito, do ódio racial é absolutamente terrível e absolutamente nocivo à construção de uma unidade, eu diria, nacional. Por outro lado, é preciso lembrar que a agressão que se faz ao candomblé no contexto religioso, chamada intolerância, é porque o candomblé é uma das religiões importantes que são lideradas por mulheres. Então, em cima da intolerância religiosa, além do racismo, além da incompreensão da religião do outro, está um exagerado machismo, que faz com que essas pessoas se sintam autorizadas a agredir uma outra religião preferencialmente nas casas que tenham liderança de mãe de santo. Olhe que isso é coisa gravíssima porque a gente tem que pensar uma sociedade, eu diria, plural.

MULHER: Se a gente é do candomblé, procura um emprego, os meus filhos de santo, diz lá: “Você é de que religião? É candomblé?” você já não está apto a ter aquele emprego. E sem falar que nós temos vários processo de pessoas que se iniciaram no candomblé e a empresa que trabalha manda embora, faz exorcismo - isso no âmbito de trabalho. Aí a gente vai ainda pro âmbito da saúde. Quando o filho de santo passa mal e vai procurar o SUS ou um posto de saúde, se a enfermeira for evangélica, se o médico for evangélico, já quer exorcizar, quer quebrar tudo, aí você fica vulnerável, precisando de um apoio naquele momento, você vai dizer que é de candomblé? Você tem que até negar sua fé. Aí a gente vai mais longe ainda, além do trabalho, além da saúde, a gente tem a educação. Quinze anos depois, Lei 10.539 ainda esbarra em desconhecimento e resistência Por mais que tenha a Lei 10.639, que fala pra falar da cultura afro, não é nem do candomblé, dentro das escolas, A nova Secretária Executiva do MEC é pastora e acredita em uma educação baseada nos ensinamentos cristãos e as professoras se elas forem evangélica, um criança chegar, um jovem, e dizer que é de candomblé - não precisa nem dizer, “A educação vai ser vista sob a ótica de Deus”, diz Iolene

Lima basta usar o cabelo trançado ou um fio de conta ou usar branco na sexta-feira Alunos evangélicos se recusam a fazer trabalho sobre a cultura afro-brasileira que não pode ficar na escola. Aqui no terreiro, nós iniciamos três filhos adolescentes INTOLERÂNCIA RELIGIOSA: Motorista dia a adepta do Candomblé que não carrega “macumbeira” e o recente que eu tive foi uma criança, um adolescente de 13 anos, que quando ele foi pra escola com a roupa branca, cabeça raspada, os coleguinha começaram a cuspir ele, bater nele, ele abandonou a escola. Aí imagine como é que eu me sinto, ialorixá de um terreiro, educando um jovem à autoestima e ele deixar de estudar por conta da intolerância religiosa. Então, assim, falar de intolerância religiosa não é só falar do caso Mãe Gilda, é falar de uma forma que está desafricanizando o nosso povo.

MERCEARIA DEUS É FIEL

DADAI: Desde quando o pai deles morreu, é assim que graças a Deus eu tenho criado eles. Na correria, lutando, eles vê o meu esforço, eles a vêem minha vida como é. Então, meu desejo é que eles seja correria que nem eu. Mas botar eles pra ir vender, não, nunca gostei, porque eu quero que eles estudem, eu quero que eles seja alguém que eu não fui. Porque a minha vida foi assim, ajudando minha mãe daqui, ajudando minha mãe dali, eu não aproveitei o meus estudo, não aproveitei, parei cedo, e hoje nós tamos aqui.

Me dou bem com minha mãe e amo ela, independente do que ela seja, porque Deus ele não veio só pra mim, ele veio pra todos, né? Deus ele veio pra todos, Deus não faz “excepção” de pessoas. Só que Deus ele disse que ele ama o pecador, né, agora ele se aborrece com os pecado. E também eu amo ela mas não amo o que ela serve, o que ela pratica, porque a minha religião é uma e a dela é outra. Ela serve lá o que ela quiser, problema dela, até o dia que Deus quiser, né? Quando Deus achar que já basta, Deus aí pronto. Pega ela, porque o poder está na mão do Senhor, creio assim, na hora certa Deus trabalha na vida dela. Mas fora disso eu amo minha mãe do jeito que ela é.

Ela respeita. Ela respeita, antes ela não gostava nem de ouvir, viu? Mas eu creio que Deus tá trabalhando porque hoje ela já ouve, entendeu? Hoje ela já ouve, hoje ela já chega, já vem conversar das coisas dela comigo, eu ali já em espírito, não falo nada pra não ofender ela mas ali no meu coração e na minha mente eu tô: “O sangue de Jesus Cristo tem poder”. A Bíblia disse que onde está o nosso coração, está o nosso tesouro, se o meu coração for pras coisa dela eu vou pra onde? No meu coração tem que estar a Deus, né? Todo o tempo. Primeiro lugar, segundo lugar e terceiro lugar tem que tá o Senhor todo o tempo na minha vida.

Eu vendo acarajé não porque eu necessito assim totalmente, sabe, vendo acarajé porque eu gosto, eu tenho prazer, eu gosto, sabe, é uma profissão que eu gosto. Mas se exigisse eu botar torso, eu botar conta e botar aqueles negócio, não, eu parava de vender. Não posso negar Jesus por causa de uma corrente, não, de jeito nenhum. Eu não botei quando eu não era crente, eu já não gostava, vou botar? Vou agradar o homem, só pra agradar o homem? Vou agradar o homem e entristecer meu Deus. Não. Eu parava.

A gente nega Jesus pelos nossos atos, se eu for botar um torso, botar uma conta, eu não sou serva, porque uma serva de Deus não pode andar fantasiada das vestes de Satanás, né?

ANNE RODRIGUES: As condições que existem hoje são condições de uma sociedade racista, uma sociedade que por sua vez está em uma crise mais acentuada, as pessoas estão procurando seus lados, um lado mais de direita, um lado mais conservador, a volta da Marcha pela Família e por Jesus, a condenação do casamento gay, a perseguição das religiões de matriz africana, o genocídio da juventude negra nas periferias do Brasil, certo? E de um outro lado tem as políticas, têm as pessoas que vão atrás da política afirmativa, que reage, tem as marchas diretas como a do "Reaja", e no caso específico da questão religiosa tem o fato de que nenhuma pessoa do candomblé prega de volta esse mal, Vídeo registra traficante obrigando mãe de santo a quebrar imagens em um terreiro da Baixada Fluminense prega de volta essa violência, devolve, e nem vai atrás desses fiéis, você não tá falando de uma cruzada, Traficantes espalham o ódio contra religiões afro-brasileiras pelo país histórica, você não pode fazer equivalência. Grupo ataca terreiro em Alagoinhas e bate bíblias em portão: 'Satanás vai morrer' lalorixá, que mora no local, ficou com medo do episódio A intolerância ela cresce porque a sociedade é desigual, se acentua na sua desigualdade, a violência é uma expressão disso e a violência pode existir de várias formas, Traficantes espalham o ódio contra religiões afro-brasileiras pelo país inclusive a partir do aspecto metafísico - a religião, a fé de uma outra pessoa O babalorixá Rychelmy Imbiriba levou uma coronhada no rosto pode ser manifestada como um insulto pro outro pela incapacidade 'Colocaram as armas nas cabeças dos orixás', relata babalorixá sobre assalto Bandidos invadiram terreiro, roubaram e agrediram religiosos da sociedade perceber a diferença como elemento necessário para pensar o mundo.

Casa de candomblé é derrubada pelo governo do DF; 'Intolerância religiosa', diz OAB

PM tenta barrar advogado com acessório do candomblé no Fórum Objeto protege o ori, a cabeça, dos candomblecistas dos perigos externos

MÃE JACIARA: Eu trabalhei no Estado, onde, no governo, quando eu chegava vestida assim a ascensorista não queria abrir Frente religiosa é criada em Nova Iguaçu, segunda cidade do estado com mais casos de intolerância; grupo quer organizar uma caminhada o elevador! "Queima, tá amarrado!" O motorista, evangélico, me chamava de "varoa". Então, assim, como é que você tem um Estado que o próprio racismo institucional ele é enorme?!? O próprio Estado ele é racista.

JAIME SODRÉ: Em cima desse cidadão, dessa cidadã que tem a pele preta vem tudo o que é negativo: mau cheiro, dizem até que nosso cabelo não são muito convenientes, vão dizer que nossos lábios são imensos. Então, há um enfeitiamento desse elemento negro para que ele se aproxime da imagem do Diabo, que tá na cabeça daquele que acusa e não na convivência cultural daqueles que fazem uma religião diferenciada. Então, reafirmamos que existe uma longa trajetória para que determinados segmentos sociais sejam ditos como diabolizados e diabolizantes, para dar passagem a outros segmentos que se enfeitam de uma brancura pra simbolizar pureza, que muitas vezes é mentirosa.

HELIO SANTOS: Os negros não são pobres porque são pobres, são pobres porque são negros. Esse é o resultado do tipo de desenvolvimento que nós tivemos. O Brasil sofreu crescimento econômico, jamais desenvolvimento econômico. Desenvolvimento é consolidado nas famílias, Desigualdades raciais no Brasil comprometem oportunidades de trabalho e desenvolvimento humano nas pessoas, não só por conta da renda mas sobretudo por conta de uma educação, Pesquisa do IBGE aponta desigualdade racial no acesso à educação Os reflexos da desigualdade social na educação brasileira ainda são gritantes uma educação que possibilite prosperidade. Então, o Brasil ele é frágil, Retrato da desigualdade: brancos têm dois anos a mais de estudo, revela IBGE é um gigante de fato esse país, 5 mil e 600 cidades! mas definitivamente é um gigante com os pés de barro, é um gigante frágil, é um boeing enorme mas que tem motor de teco-teco, então ele tem estrutura mas ele não decola.

CAMPANHA VIDAS NEGRAS Pelo fim da violência contra a juventude negra no Brasil

O Brasil, hoje, depende da família negra. Em dois anos, chacinas no Brasil deixam 849 pessoas mortas Esta família, com forte insegurança, onde você sofre gravidez precoce, onde os meninos de 14 a 21 anos morrem, morrem sem procriar, ou seja: a insegurança do Brasil, a verdadeira, está em torno dessa família. Sempre liderada por uma mulher só, na maioria das vezes.

VILMA REIS: O racismo no Brasil é um crime perfeito porque ele faz a própria vítima sentir a dor e sentir-se culpada pelo racismo e não quem pratica o racismo.

MPF-BA vai abrir inquérito para investigar Gladiadores do Altar, da lurd

CIDA ABREU: O racismo ele é educativo, o racismo ele é um sistema educativo. Crime e preconceito: Mães e Filhos de Santo são Expulsos de Favelas por Traficantes Evangélicos Então, se você na educação consegue provar Dentre as falas dos bandidos, que deixaram os presentes revoltados, estavam: “Vamos bater nesses macumbeiros”; “Vocês nem deveriam praticar essa macumba aqui; “Isso não existe, manda ele (orixá) parar”, dentre outros. que a liberdade, o direito, ele tem que caminhar junto, você não pode ser racista. Aí você não pode ser intolerante. Pra mim, o centro pros próximos 30, 20 anos, 50 anos, é a gente fazer uma educação que realmente implemente a Lei 10.639, que realmente reconheça o País como um país continental, que ela realmente reconheça a mazela do processo de colonização, do processo da escravidão.

MÃE JACIARA: Você dá a cara pra bater todo dia: “Não, tá bom, tá bom”, tem uma hora que tem que ter orixá, porque o povo de candomblé está cansado. E o próprio orixá também já está cansado de ser todo dia xingado, né? Eles xingam Iansã, eles xingam Oxum, eles diz que nós somos cultuadora do Diabo, que a gente mata criancinha, então eles não sabem mais o que falar.

Vereador quer proibir o sacrifício de animais em terreiros: “os orixás vão entender”

Aí vem um deputado, inventa um projeto de lei pra gente não matar galinha nem bode, Após 2 votos, STF suspende julgamento sobre legalidade de sacrifícios de animais em ritos religiosos quer dizer, o mundo todo é vegetariano? Pior é a forma, a forma que todas essas empresas aí mata de choque, de vez, a gente, não. A gente pega o bicho, canta, lava o bico, é tudo muito calmo e ainda pega o alimento e distribui pra comunidade.

Estudante é expulso de fórum por se recusar a tirar adereço de candomblé

JAIME SODRÉ: Essa impressão que se tem de uma mulher negra, de um homem negro NOTÍCIA PRETA Igreja Universal relança livro ‘Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?’, que promove ofensas às religiões afro-brasileiras ser um agente do mal alimenta e é o maior combustível do racismo.

Mãe Stella é alvo de intolerância religiosa e lesbofobia nas redes sociais

MÃE JACIARA: Aí a gente vê nas redes sociais Hilario Uma macumbeira a menos Camilla Tá no inferno Taiara i ela foi pra onde? Pq pro ceu q nao foi So existe um Deus O Deus de Israel Pai Filho Espirito santo como é perverso esse racismo, como é perversa essa intolerância religiosa, e eu não vejo nenhuma religião Mulher que cometeu intolerância religiosa contra Mãe Stella é professora seja que deus você queira cultuar, Olorum, Javé, que seja Buda, Oromilá que mude esse ódio que tá enraizado na humanidade. A gente tem percebido quanta gente morre em nome de Deus, quantas crianças estão morrendo, e a gente está vivendo isso no Brasil.

JAIME SODRÉ: Aquela venda é uma venda para suprir uma necessidade correta de negócio. Mas é uma devoção. É como se faz na igreja de São Francisco, que oferece o pão pra colocar na farinha, pra render. É como se faz em alguns caruru, que dá os queimado pras criança. Aí é que tá a característica da nossa religião: é muito de dar, é muito de oferecer, é muito de acolher.

MÃE JACIARA: Candomblé é uma religião como outra qualquer. Nós não somos seita nem cultuamos algo à toa, existe realmente o pertencimento do sagrado.

RITA SANTOS: Por isso é que é importante as pessoas comerem um acarajé de uma baiana mesmo, uma baiana tradicional. Porque na hora que ela tá ali batendo, é como se ela estivesse fazendo as orações dela ali, batendo aquela massa. Essa é que é a coisa bonita numa baiana de acarajé.

LIU: Cada um na sua fé, uma respeitando a outra, entendeu? Porque Deus deu livre arbítrio para cada um escolher o caminho que quer seguir, eu que vou dizer a ela ou a quem for que não vá? Cada um escolhe seu caminho.

PASTOR DJALMA: Pessoas civilizadas não podem se odiar, não podem se matar, não tem como isso, não é? Eu digo: Deus nos criou a todos como irmãos. Nós somos diferentes às vezes na cor, na raça, na formação intelectual, moramos em países diferentes, moramos distantes uns dos outros, não para o estabelecimento de qualquer preconceito, mas pra gente cantar junto, ouvir as nossas experiências, trocarmos ideias, dançarmos juntos, né, e até rezarmos juntos, não é?

JAIME SODRÉ: Aqueles que são intolerantes em relação a outras religiões não conseguiram ainda o status religioso para entender que religiões são feitas para serem respeitadas, não para serem perseguidas ou odiadas.

MÃE JACIARA: Eu acredito que o problema de intolerância religiosa, de crime de ódio não tá nas religiões. Porque, se você analisar, todas as religiões pregam o amor. Mas são as pessoas que trazem o ódio, as pessoas que são doentes. Que estão esquecendo a sensibilidade de se ver no outro.

Dieciséis anos lutando contra a intolerância religiosa e a gente caminhou mas tá no mesmo lugar. A laicidade não acontece no Brasil.